

APRESENTAÇÃO

Os estudos sobre literatura e sagrado/ espiritualidade/ religiosidade e temas afins estiveram, por muito tempo, à margem dos interesses da academia, contudo, nos últimos anos, observa-se uma crescente retomada desses estudos por parte de docentes e discentes de diversas universidades do Brasil e do exterior. Este número da *Ipotesi* se propôs receber contribuições acadêmicas que analisassem o diálogo entre o literário e o sagrado a partir de diferentes tendências teórico-críticas, que, à sua maneira, têm colaborado para definir os contornos desse recorte de estudos.

No artigo de abertura, Suzi Sperber discute a apreensão do sagrado na literatura, propondo que tal apreensão se daria, antes, através de recursos da construção das obras do que de um conjunto de temas. Em seguida, Alexandre Rocha analisa a recepção, pelos intelectuais brasileiros da década de 1930 e 1940, de textos psicografados pelo médium Chico Chavier e atribuídos ao escritor maranhense Humberto de Campos, refletindo sobre as “complicações de uma estranha autoria”. Já Carolina Magaldi e Juliana Magaldi trabalham com contos de fadas a partir das ideias sobre reencantamento do mundo e pós-modernismo reconstrutivista, tal como teorizadas por Suzi Gablik.

No artigo que se segue, Fernando Gebra defende a leitura do poema “Iniciação” de Fernando Pessoa como uma poetização discursiva do ritual esotérico, tema muito presente nas considerações gnósticas do discurso ensaístico do autor. Maria Goretti Ribeiro propõe que as imagens poéticas do Feminino na literatura ocidental foram inspiradas pelo modelo arcaico da Grande Deusa que ficou registrado nos labirintos do inconsciente coletivo. Ainda a partir de conceitos junguianos, Andréa Reis e Cláudio Paixão de Paula refletem sobre o papel que desempenha a sexualidade no processo de individuação do Padre Amaro no romance de Eça de Queiroz.

Sandra Luna, ao trabalhar com a dramaturgia pós-moderna de Sam Shepard, analisa a poética de um drama social que, ao acolher o mítico para dramatizar a história, reencena, nos territórios do sagrado, a tensão patética entre proibição e desejo. Já Eliana Yunes, ao estudar os poemas de Gilberto Mendonça Teles, aponta para a interdisciplinaridade de fato existente entre a linguagem poética e a sagrada, demonstrando o quanto os poemas selecionados roçam o sagrado sem abri-lo ao teologal. Em seguida, Salma Ferraz apresenta algumas variações paródicas das Bem-Aventuranças evangélicas relatadas em Mateus 5:1-48, analisando as versões de Borges, de Machado de Assis, da Bíblia satânica de Anton Lavey e o texto da internet *Ao mestre com carinho*. Juliana Perez observa a dramática percepção do eterno na finitude e a possibilidade de redenção do que é mortal na experiência da epifania em *A imitação do amanhecer*, de Bruno Tolentino. Segue o trabalho em que Adna Candido de Paula reflete sobre ciência da religião e teoria literária, propondo a aproximação fenomenológica do sagrado como possível caminho para a elaboração de uma metodologia crítica e interpretativa.

Nas linhas do “sublime”, Pablo Simpson relê parte da tradição poética modernista brasileira, enquanto Diana Toneto investiga as possíveis tensões entre o sagrado e o poético no poema *A máquina do Mundo Repensada* de Haroldo de Campos. É ainda o discurso poético alvo de investigações de Cleide Oliveira, que relaciona o apelo à “outridade” da poesia de Adélia Prado à concepção do sagrado enquanto “totalmente outro”, de Rudolf Otto. Já no campo da prosa, Claudia Ferreira nos convida a entrever a presença e/ou a ausência da “noção espiritual exclusivamente árabe” nomeada *baraka* nas páginas de *La nuit de l'erreur*. Voltando ao texto poético, *Cântico Espiritual* de San Juan de la Cruz é lido por Josilene e Cicero Bezerra à luz do aspecto “negativo” constitutivo da experiência neoplatônica do divino. Passeamos em seguida com Idemburgo Frazão pelas crônicas de Lima Barreto sobre o

carnaval, convidados a perceber a existência de uma aspiração ao contato com o sagrado escondida nos assuntos cotidianos.

Com Fernando Mendonça e Maria do Carmo de Siqueira Nino, revemos o diálogo literatura/religião através da relação entre o grotesco e o divino em *Perdoando Deus* de Clarice Lispector. Uma outra relação possível, entre o sagrado e o profano, é alvo das investigações de Shirlei Carreira, que reflete sobre identidade cultural, tradição e modernidade a partir do romance de Mia Couto, *O outro pé da sereia*. Em seguida, Pedro Tavares nos apresenta Fausto como um tema-personagem cuja face foi elaborada em um processo de apropriação e repetição de mitos de origem helênica e judaico-cristã. Finalmente, Melissa Boëchat com Elcio Cornelsen lêem *Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno*, percorrendo, pelo fio da religiosidade, uma escrita testemunhal que cruza universos distintos.

Esperamos, enfim, que, a partir desses diversos textos, a presente edição da revista possa contribuir para consolidar o interesse acadêmico pelos estudos sobre literatura e sagrado/espiritualidade/religiosidade e temas afins, que, certamente, constituem um campo fértil ainda à espera de estudiosos para ser propriamente cultivado, pois há muito ainda a ser dito a respeito do diálogo entre o literário e o sagrado.

Teresinha Vânia Zimbrão da Silva¹
Bárbara Inês Ribeiro Simões Daibert²

¹ Professora associada IV da UFJF

² Professora adjunto I do departamento de letras modernas da UFJF. Pesquisadora-bolsista (PNAP – Ministério da Cultura) da Biblioteca Nacional